

A COMUNICAÇÃO ENTRE PESCADORES ARTESANAIS E OS BOTOS DE LAGUNA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Fátima Satsuki de Araujo Iino (PPGAS / UFSC)¹

Resumo

O presente artigo faz parte das reflexões sobre meu projeto de dissertação de mestrado e tem a intenção de levantar algumas possibilidades teóricas, que ajudariam a pensar na comunicação entre os cetáceos e os pescadores artesanais durante a prática da pesca, como uma relação que configuraria um patrimônio cultural. Para tanto, apresentarei a referida pesca, aspectos importantes da cidade, alguns dados de minha preliminar inserção no campo, e dialogarei com autores do campo patrimonial.

Palavras chave: patrimônio cultural, pescadores artesanais e relação interespecie.

Abstract

This article is part of reflections on my dissertation project and intends to raise some theoretical possibilities, which would help to think of communication between cetaceans and traditional fishermen during the practice of fishing, as a relationship which constituted an cultural heritage. Therefore, I will present such fishing, important aspects of the city, some data from my primary insertion in the field, and I will dialogue with authors of the cultural heritage field.

Keywords: cultural heritage, traditional fishermen and interspecies relationship.

A cidade, a pesca e a história

As reflexões aqui apresentadas surgiram e foram elaboradas após as contribuições e debates da banca de qualificação de meu projeto de dissertação², o objetivo é encontrar subsídios teóricos que possam dar suporte para a possibilidade de analisar uma relação

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina.

² Projeto de dissertação qualificado sob o título "*Que horas começa o espetáculo dos botos?* O lugar do pescador artesanal com auxílio dos botos na cidade de Laguna/SC", o objetivo geral é analisar a prática da pesca artesanal com auxílio dos botos, as socialidades que nela são produzidas, e a formação da identidade cultural do pescador no contexto da cidade histórico turística.



interespécie como um patrimônio cultural a ser preservado. Para que o leitor possa situar-se na discussão é necessária uma breve contextualização da pesca e da cidade.

Em Laguna, cidade litorânea de Santa Catarina, ocorre desde muitos anos, a pesca artesanal com auxílio dos botos. Essa prática é bem reconhecida na cidade e confere mais um atrativo para o roteiro turístico. Em conversa com um guia turístico na cidade, o mesmo me relatou que muitos turistas procuram Laguna pela beleza de suas praias e pelos cetáceos.

Os botos acompanham os cardumes em direção ao canal que liga a Lagoa de Santo Antônio ao mar aberto, onde os pescadores estão enfileirados, o cardume é encurralado entre os pescadores e os botos, e quando isso acontece os botos fazem alguns movimentos para avisar o momento de jogar a tarrafa. Porém é necessário, obviamente, um conhecimento prévio e específico, pois os botos fazem inúmeros movimentos e cabe ao pescador, a tarefa de decifrar quando o cetáceo está auxiliando a pesca, e quando não está.

A pesca artesanal apresenta uma relevante atividade econômica para Laguna. Inicialmente destacou-se pela produção de siri e do Camarão Laguna, reconhecido como um dos melhores crustáceos do Brasil. E mais recentemente, a pesca artesanal com auxílio dos botos, têm se destacado através de documentários, reportagens, e incentivos da secretaria do turismo.

O período da pesca do famoso camarão é entre dezembro a junho, é uma prática noturna e com instrumentos confeccionados artesanalmente. Fora desse período, fica proibida a pesca do camarão. A temporada principal da pesca artesanal com auxílio dos botos é entre meados de maio, junho, julho e meados de agosto, pois é a temporada da tainha, já ouvi dos pescadores que o boto prefere tal peixe, mas também pode se alimentar de outros tipos. Essa pesca é, na sua maioria, uma prática diurna e masculina. Nas idas preliminares ao campo ouvi de alguns pescadores que tal prática é bem antiga³.

A história de Laguna é contada desde os tempos Antes de Cristo, enfatizando a presença dos sambaquis⁴, e sendo apontada como uma das regiões de maiores povoaamentos durante a pré-história (CADORIN, 2013). A referida cidade foi cenário de diversos acontecimentos importantes na história do Sul do Brasil, como a República Juliana, proclamada em 29 de julho de 1838, por lagunenses com ideais separatistas, inspirados na presença de tropas farroupilhas. Porém, em 15 de novembro de 1839, tropas oficiais invadiram por mar e

³ Alguns dos pescadores que conversei até a elaboração do presente artigo, me disseram que seus avós já realizavam a mesma prática na cidade, e que os mesmos teriam aprendido com seus pais e assim por diante. Dessa forma, torna-se impreciso definir uma data ou época em que a referida prática tenha iniciado.

⁴ Sambaqui é uma palavra de origem guarani e designa em português, depósitos antigos e fossilizados de restos de conchas, restos de cozinhas e de esqueletos. Vestígios de tribos pré-históricas que habitaram no litoral Americano.



terra, findando a experiência da independência lagunense (SANTOS, 2004). A cidade também possui uma personagem ilustre na sua história, Anita Garibaldi, que nasceu e viveu em Laguna até casar-se com José Garibaldi e o acompanhar na maioria dos episódios revolucionários que participou.

A figura de Anita Garibaldi possui uma estátua localizada em uma Praça no Centro Histórico da cidade. A Casa de Câmara e Cadeia, construída em 1735, onde foi proclamada a República Juliana, está inserida no Livro Histórico⁵ do IPHAN desde o ano de 1954, é hoje o principal museu da cidade e leva o nome dessa ilustre lagunense. No ano de 1985 o Centro Histórico da cidade foi inserido no Livro Histórico e no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, por conta de sua importância arquitetônica, com inspiração açoriana e seu valor histórico.

Laguna, portanto, tem uma familiaridade com a questão patrimonial, e um explícito apelo histórico turístico. Outro aspecto relevante é relacionado à imigração açoriana ocorrida na segunda metade do século XVIII, a cidade desde então, concebeu um *imaginário*⁶ açoriano muito ligado ao peixe e a pesca artesanal. No relato histórico da cidade, disponível na página virtual da prefeitura⁷, é afirmado que após a chegada dos açorianos, a pesca se intensificou por conta dos novos hábitos alimentares dos imigrantes. Pois, muitos açorianos que chegaram como lavradores, passaram a trabalhar também com a pesca⁸, e substituíram, na alimentação, o consumo da farinha de trigo pela de mandioca e, a carne vermelha pelo peixe.

Os pescadores e os botos

A partir dessa breve explanação sobre a referida prática e os aspectos históricos da cidade, é possível perceber a relevância dos bens patrimoniais (como o Centro Histórico) e da pesca artesanal para Laguna. Meu foco é na pesca artesanal com auxílio dos botos, e foi essa prática que optei por estudar e analisar mais profundamente na minha dissertação de mestrado. Já realizei algumas entrevistas e passei por algumas horas de observação da prática, o que possibilitou a reflexão do presente trabalho.

⁵ Documento onde se inscrevem os bens tombados pelo IPHAN, existe quatro especificações: Livro Histórico, Livro das Belas Artes, Livro das Artes Aplicadas e Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico.

⁶ Utilizo a noção de *imaginário*, baseada em Benedict Anderson (1993) na sua obra Comunidades Imaginadas

⁷ Disponível em : <http://www.laguna.sc.gov.br/historia.php>. Último acesso em 24 de novembro de 2014.

⁸ Essa adaptação laboral, como forma de sobrevivência na nova terra, de acordo com Eugênio Lacerda (2003), levou o imigrante açoriano a alternar seu trabalho entre a lavoura e a pesca.



Os pescadores são reconhecidos pelos seus saberes sobre a natureza, ao conversar com um deles, indaguei-o sobre como ele aprendeu a interpretar os movimentos dos botos. Rapidamente me respondeu: *“na natureza tudo que a gente conhece é observando, os pássaros, o mar”*.⁹ Depois me contou que desde criança, em suas memórias mais longínquas, há a lembrança de ir à Praia do Molhes¹⁰ com seu pai, e assim, começou cedo a observar a natureza.

Todas as vezes que realizei observação da pesca artesanal com auxílio dos botos em Laguna, percebi uma interação do pescador com outros animais, além do boto. É possível que a relação do pescador com os outros animais não botos, aparentemente seja de cuidado, de proteção, e com os botos de trabalho. Os botos que auxiliam na pesca são chamados de “botos bons” e os botos que não auxiliam são chamados de “botos ruins”. Eu escutei um pescador disser que *“o boto trabalha pra ti e pra ele também”*. Esse pescador me explicou que o boto come as tainhas que ficam por baixo da tarrafa, desorganizadas do cardume. Cada boto bom tem um nome, Caroba, Mandala, Cabide, Botinha do Rio, Figueiredo, Avalanche, Scooby, Chega-mais, Juscelino, Eletrônico, entre outros. Os pescadores reconhecem cada boto por alguma marca ou cicatriz, eles me disseram que os nomes são colocados de acordo com a moda atual, nome do presidente, personagens famosos, mas nem sempre o nome permanece, eu ouvi de um pescador: *“É igual quando os pais colocam o nome do filho e ele não gosta, mas já foi batizado, aqui a gente não batiza o boto.”*

A fala anterior demonstra uma analogia a um filho, um parceiro, configurando uma relação para além da questão laboral. Mas, seria o pescador um parceiro ou patrão do boto? Escolho a primeira opção, pois como patrão o pescador decidiria que horas o boto auxiliaria no trabalho, e pelo que observei em campo, a decisão de quando trabalhar é do boto. Portanto, a relação de comunicação entre os cetáceos e os pescadores, vai além de uma ordem, de uma condenação, diferentemente de um animal que foi preso e é obrigado a servir o homem em uma relação de trabalho que favorece apenas um dos lados, como por exemplo, o carro-de-boi, na qual o boi, ou vaca, não chegaram ali vindos de outros pastos de forma espontânea, como acontece com os botos, que possuem o mar, e a lagoa toda, mas preferiram, por algum motivo, auxiliar o pescador. Esses aspectos conferem peculiaridade à comunicação e relação que se desenvolvem na pesca artesanal com auxílio dos botos.

⁹ As falas dos pescadores são apresentadas aqui com fonte itálica e entre aspas.

¹⁰ Praia do Molhes é uma das principais da cidade de Laguna, boa para surf e pesca, recebe esse nome pois em sua extensão há uma enorme *molhe*, paredão que se constrói nos portos de mar em forma de cais, para protegê-los da violência das águas, formando um canal, onde se encontram os pescadores artesanais com botos.



A comunicação interespécie na prática da referida pesca artesanal, é um evento rápido, o movimento que o boto faz para indicar o local que o pescador deve tarrapear, dura alguns segundos, assim como o movimento de tarrapear em sequencia. Isto posto, como podemos patrimonializar essa relação que se dá de forma tão efêmera? É necessário, portanto, nessa reflexão, uma concepção de patrimônio cultural ampla, que conceba elementos estáticos e dinâmicos, sem polarizar a questão material e imaterial.

Questões patrimoniais

De acordo com Magnani (1985: 04), “[...] se cultura é um conjunto de códigos, o patrimônio é a série de falas que só adquirem inteligibilidade por referência àqueles códigos [...]”. Dessa forma, trabalhar com o conceito de patrimônio cultural, sob o ponto de vista antropológico, significa compreender suas determinações e admitir que não se constitui em dimensão tão ampla quanto cultura. Melhor dizendo, o patrimônio cultural deve, inexoravelmente, estar diretamente ligado à dinâmica e significado de certo grupo ou sociedade como bem simbólico. De forma a evocar uma memória, uma identidade, um sentimento de pertencimento. No caso dos pescadores, a comunicação com os botos, faz parte da dinâmica e vivências desse grupo.

Para Regina Abreu (2007: 269), a noção de patrimônio cultural, deve ser dinâmica, “[...] de modo que diferentes significados vão justapondo-se no embate entre políticas de lembranças e esquecimento”. Portanto, o dinamismo presente no conceito de cultura (DURHAM, 1984) está imbricado ao de patrimônio, e se orienta também pela memória. No caso dessa pesquisa, uma memória corporificada.

Segundo Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (2012) o *saber fazer* não pode ser visto apenas como abstrato, como conceitual, é parte de um conhecimento e memória corporificada. Como constatado durante minha preliminar inserção ao campo, e por outros tantos estudos relacionados à pesca, os pescadores artesanais ou não artesanais, são indivíduos conhecedores da natureza, há um *saber fazer* intrínseco à atividade pesqueira. Tal conhecimento está relacionado a uma observação contínua da natureza que os cerca, como afirmado pelo pescador que conversei.

Portanto, se classificarmos a relação de comunicação interespécie, como um *saber fazer* dos pescadores artesanais com auxílio dos botos, iniciamos um dos pontos de intersecção do



meu trabalho com a temática patrimonial. A partir do Decreto Lei 3551 de 2000¹¹, ficaram instituídos os Registros de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, nele podem ser registrados bens em quatro livros, desses o primeiro é o Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer arraigados no dia-a-dia dos grupos e comunidades, no caso da comunicação interespécie na pesca artesanal com auxílio dos botos, este primeiro livro seria o mais indicado.

Os Registros referidos acima são relacionados, como visto, aos patrimônios de natureza imaterial, mas essa dicotomia material e imaterial, se usada de forma excludente, pode gerar confusões e equívocos. Reginaldo Gonçalves (2007), nos alerta da ambiguidade dessa categoria e reitera que não há como tanger o patrimônio, excluindo sua dimensão material.

Mas, o que é importante considerar é que se trata de uma categoria ambígua e que na verdade transita entre o material e o imaterial, reunindo em si as duas dimensões. O material e o imaterial aparecem de modo indistinto nos limites dessa categoria (GONÇALVES, 2007: 218).

Portanto, se refletirmos com essa ambiguidade, a comunicação interespécie se dá de forma imaterial, porém há uma viabilidade material conferida pelos corpos e objetos envolvidos. Esses podem, segundo Ulpiano Meneses (2012), ser classificados como os *vetores materiais*, de natureza operacional, que conferem sustentáculo ao patrimônio imaterial.

Podemos concluir que o patrimônio cultural tem com suporte, sempre, *vetores materiais*. Isso vale também para o chamado patrimônio imaterial, pois se todo patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e valor, por sua vez todo patrimônio imaterial tem uma dimensão material que lhe permite realizar-se. As diferenças não são ontológicas, de natureza, mas basicamente operacionais. (MENESES, 2012: 31)

Dessa forma, o próprio corpo do pescador se transforma no suporte material operacional da comunicação interespécie, é a memória corporificada, citada anteriormente, que permite a reprodução e continuação dessa relação. Há na referida prática, uma série de movimentos, chamada pelos pescadores de *balanço*, que deve ser respeitada e seguida. Acredito¹² que exista uma necessária sincronicidade, entre os movimentos do boto e do corpo do pescador, para que se realize com sucesso a pesca. A comunicação, portanto, ocorre através de movimentos tanto dos botos, quanto dos pescadores, de forma rápida, porém, pode ocorrer várias vezes durante

¹¹ Acesso ao texto completo do Decreto no site do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12308&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>. Acessado em: 12 janeiro de 2015.

¹² Utilizo esse tempo verbal, pois ainda é necessário maiores observações para confirmar essa suspeita.



um dia de pesca. À vista disso, identifico um aspecto efêmero e performático¹³ nessa relação. A autora Mariza Veloso (2004), afirma que o patrimônio imaterial possui esse dois elementos.

(...) são os próprios sujeitos produtores que, através de suas práticas sociais, inventam e reinventam a especificidade de seu patrimônio cultural. No caso do patrimônio imaterial é preciso ressaltar seu caráter instantâneo, sua dimensão do aqui e agora. É nesse sentido que entendemos ser possível pensar o patrimônio imaterial como performance, isto é, como algo constituinte das práticas sociais. O reconhecimento e a vivência do patrimônio podem ainda, transformá-lo em força produtiva na promoção de uma vivência também coletiva, ensejando a construção de experiências significativas capazes de motivar o sentido de pertencimento. (VELOSO, 2004: 34-35)

Deste modo, ao considerar a comunicação interespecie que ocorre na pesca artesanal com auxílio dos botos como uma prática de performance, na qual os pescadores executam especificidades efêmeras, produzindo vivências coletivas e experiências de pertencimento, a relação se torna uma patrimônio cultural.

Considerações finais

Para concluir a defesa apresentada até agora, lanço mão, mais uma vez de Gonçalves (2009), esse autor defende o uso do patrimônio como categoria de pensamento, assumindo diversos contornos semânticos no espaço e no tempo, contribuindo para a formação dos indivíduos.

Afinal, os seres humanos usam seus símbolos, sobretudo para agir, e não somente para se comunicar. O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e ser contemplado. O patrimônio de certo modo, constrói, forma as pessoas (GONÇALVES, 2009: 31).

Nessa linha temos a ação como patrimônio. Na prática a qual analiso, a comunicação é a ação e, a mediação entre os pescadores e os cetáceos. Outro elemento importante nessa análise é o quanto a relação com o boto, forma e identifica o pescador artesanal com auxílio dos botos, a comunicação interespecie, o faz diferente dos demais pescadores artesanais e não artesanais.

¹³ Trabalho essa categoria à luz de Richard Schechener (2006: 3), na qual, “performances marcam identidades, dobram o tempo, remodelam e adornam o corpo, e contam histórias. Performances de arte, rituais, ou da vida cotidiana são comportamentos restaurados, comportamentos duas vezes experienciados, ações realizadas para as quais as pessoas treinam e ensaiam”.



Por fim, minha perspectiva, para legitimar o reconhecimento patrimonial da referida comunicação, é unir a ideia de ação, de mediação com a de prática performática efêmera e pertencimento, conferindo assim um patrimônio cultural inscrito no cotidiano e na história da cidade de Laguna.

Referencias bibliográficas

ABREU, Regina (2007). Patrimônio Cultural: Tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornelia (Org.). *Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra. Associação Brasileira de Antropologia, p. 263- 286.

CADORIN, Aldicio (2003). *Laguna Terra Mater – Dos Sambaquis à República Catarinense*. Blumenau: Nova Letra.

DURHAM, Eunice R. (1984). Cultura, Patrimônio e Preservação: Texto II. In: ARANTES, Antonio A. (Org.). *Produzindo o Passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural*. São Paulo: Brasiliense.

GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos (2007). “Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios”. In: *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro.

_____ (2009) O patrimônio como categoria de pensamento. In: Regina Abreu e Mário Chagas. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina.

MAGNANI, José Guilherme Cantor (1985). *Patrimônio Cultural*. Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte – Coordenadoria do Patrimônio Cultural. Curitiba, 1985.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de (2012). *O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas*. Conferência Magna. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. vol.1, pp 25 – 39. Ouro Preto: IPHAN.

SANTOS, Silvio Coelho dos (2004). *Nova história de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC.

SCHECHNER, Richard (2006). O que é performance? In: *Performance studies: and introduccion*, second edition. New York & London: Routledge.

VELOSO, Mariza (2004). Patrimônio imaterial, memória coletiva e espaço público. In João, G. L. C. Teixeira, Marcus Vinicius Carvalho, Rita Garcia e Gusmão. *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização*. Brasília: ICS – UnB..